

CARDOSO, FERNANDO HENRIQUE

NOVOS MINISTROS

José Jorge ocupará o Ministério de Minas e Energia e Roberto Brant a Previdência Social. Fernando Henrique Cardoso, assim, diminui a raiva da bancada pefelista e deixa o setor elétrico nas mãos de um aliado com bom trânsito dentro do Palácio do Planalto

Agrado a Maciel e ACM

Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

O presidente Fernando Henrique Cardoso começa a agir para neutralizar o efeito-independência do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e seus reflexos no governo. Ao escolher ontem o deputado Roberto Brant (PFL-MG), ligado a ACM, para o Ministério da Previdência, e o senador José Jorge (PFL-PE), do grupo do vice-presidente Marco Maciel, para ministro de Minas e Energia, Fernando Henrique jogou em duas frentes: evitar um racha na bancada do PFL na Câmara e, ao mesmo tempo, deixar o setor elétrico nas mãos de alguém com trânsito livre na estrutura palaciana, para incrementar o programa de usinas termelétricas, um projeto de R\$ 800 milhões.

Com a nomeação de Brant, o presidente puxa um carlista para o seu lado e espera com isso reduzir o poder de fogo de ACM sobre a bancada, uma vez que o deputado mineiro circula à vontade tanto no grupo dos carlistas quanto na ala mais afinada com o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. Foi Brant quem redigiu a resolução que marcou a paz no PFL, com o cuidado de preservar a independência de ACM e a aliança do partido com o governo. O presidente do partido, Jorge Bornhausen, trabalha agora para conseguir uma das três lideranças do governo no Congresso.

O deputado começou a ser cogitado para o Ministério na noite de quinta-feira, quando o partido fez chegar ao presidente que não se sentiria contemplado se o escolhido para as Minas e Energia fosse o secretário de Fazenda do Paraná, Ingo Huppert. Com Huppert rifado pelos deputados do PFL, Fernando Henrique trocou: deixou o setor elétrico nas mãos do mais fiel aliado de Marco Maciel e atendeu a bancada na Câmara com a Previdência.

Tucano até 1999, Brant já havia sido cotado para outros cargos, como a Secretaria Geral da Presidência da República e o

Dida Sampaio / AE



BORNHAUSEN: DE OLHO EM UMA DAS TRÊS LIDERANÇAS DO GOVERNO

Ministério de Minas e Energia. A amizade com o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) lhe rendeu a aproximação com ACM e lugar de destaque no grupo palaciano, junto com Aloysio Nunes Ferreira e Moreira Franco, também amigos do ex-deputado baiano. Agora, como ministro Brant do PFL terá a missão apaziguar os carlistas e ajudar a compor a maioria que o governo deseja para esses últimos dois anos de mandato. Ele já entra arrancando um pequeno elogio de ACM a Fernando Henrique: "Depois de errar tanto, de fazer injustiças aos ministros baianos, o presidente acertou", disse o senador.

As justificativas para sua nomeação, no entanto, foram insuficientes para deixar tudo calmo na base governista. Integrantes do PMDB e do PSDB reclamaram em conversas reservadas que ACM, mesmo independente, acabou premiado. "O trombone a que o presidente se referiu soprou o Brant", confidenciava um integrante da cúpula peemedebista, com a concordância dos tucanos. Os dois partidos suspeitam de uma interferência direta do PFL no sentido de prestigiar ACM com a nomeação de Brant. "O PFL tem 103 deputados. Tinham que escolher justamente um ligado a ACM?", perguntavam-se tucanos e peemedebistas.

"DEPOIS DE ERRAR TANTO, DE FAZER INJUSTIÇAS AOS MINISTROS BAIANOS, O PRESIDENTE ACERTOU"

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES (PFL-BA)

"O TROMBONE (ACM) A QUE O PRESIDENTE SE REFERIU SOPROU O BRANT"

Reação de um peemedebista ontem no Congresso

Os dois partidos começam a apostar agora se o presidente da Eletrobrás, Firmino Sampaio, indicado por ACM, continuará no cargo. Assessores de Fernando Henrique dizem que os futuros ministros devem afastar Firmino e o presidente do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), Crésio Rolim, também ligado ao senador baiano, de uma forma amena, com a desculpa de estarem montando uma nova equipe. Quanto aos demais cargos sob controle dos baianos, a ordem é esperar as votações. Se os deputados permanecerem fiéis ao governo não haverá motivos para substituir seus apadrinhados na Bahia.